

21-1-59

DELIRIO

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Roubaram a máquina de escrever do chefe de polícia, sim, do próprio Chefe de Polícia, general Amauri Krueel, e no seu próprio gabinete na chefatura. E agora? Onde iremos nós esconder nossa máquina, que para nós é muito mais preciosa do que para o ilustre general do exército que é chefe de polícia, pois parece definitivamente assentado que esse cargo, que depende do discretíssimo e quase desconhecido Ministro da Justiça, deve ser dado a um general indicado pelo menos discreto e mais conhecido Ministro da Guerra... mas isto é outra história. Estávamos no roubo da máquina, e na pergunta angustiada que nós outros, que a custo temos máquina para ganhar o pão, formulamos ao governo e ao povo. Onde iremos nós esconder nossa ferramenta, como protegê-la, se a que existia no Gabinete da Chefatura de Polícia Foi Roubada? Quem me dará outra, se a minha for subtilizada, como parece inevitável, uma vez que não escapou desse vexame a máquina que estava no centro de gravidade da vigilância? E' triste a nossa sorte. O Chefe de Polícia, para ter outra máquina, basta assinar uma requisição, ou coisa que valha. Eu não! Se for roubado terei de escrever milhares de artigos em máquinas emprestadas, ou terei de recorrer à subscrição pública. Além dessa sensível vantagem que sobre nós leva o Chefe de Polícia, convem lembrar o consolo que qualquer moralista traria ao Chefe de Polícia nas atuais circunstâncias: para um general do exército, mais do que para um paisano vadio, é melhor ser roubado do que roubar. Tira-se daí que a situação moral do Chefe de Polícia é infinitamente superior a do outro general, aquele da re-

serva que na semana passada, não satisfeito com o que lhe dava a farta aposentadoria (Ver o caso da emenda Ferrari, etc.), dedicou-se à venda de terrenos imaginários em Brasília. Esse indigno militar trabalhava com dois civis, um dos quais se dizia parente do discreto Ministro da Justiça. Foram presos, e na notícia que tenho diante dos olhos, e que val direitinho para a coleção de recortes que inaugurei no ano bom, e que recomendo ao sr. Ministro da Justiça, lê-se que os civis foram para o xadrez e que o general da reserva que comandava a Operação "foi posto à disposição do comando do I Exército". O que acontecerá com o General da Reserva que comandava o Grupo de Trabalho das vendas de terrenos imaginários em Brasília? Na minha antiquada opinião sua vigiarce devia ser considerada mais grave do que o roubo da máquina. Eu acho que ele devia sofrer a pena de degradação; acho que deviam arrancar-lhe os alamares do pijama. Sim senhores. Onde é que nós estamos? Pois não sabe o insensato militar que é privilégio da Presidência da República vender coisas imaginárias em Brasília?

E por falar em Brasília, tive uma idéia que submeto aos técnicos da NOVACAP. Todos sabem que o sitio onde se ergue a cidade é melancolicamente chato e deserto. Proponho que se instale em Brasília, para consolo dos pobres funcionários desterrados, um aparelho eletrônico de produzir miragens. Os funcionários, depois do expediente, iriam ver o que o doutor Juscelino diz que se vê quando se têm o "espírito de Brasília". E até depois de amanhã, amigos. Se eu não aparecer é porque me roubaram a maquina. Ou me prenderam.